

ARTHUR MACHEN A BIOBIBLIOGRAFIA DE UM MESTRE DO OCULTO

Por Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto

Existe um velho ditado bíblico que afirma “diga com quem andas que eu direi quem és”; no caso de Arthur Machen, poderíamos dizer quem foi a partir de quem o considerou um grande mestre. E ninguém menos que H. P. Lovecraft afirmou ser Arthur Machen um dos quatro grandes mestres do horror cósmico. Nesta breve biobibliografia apresentaremos a vida e obra desse escritor que, apesar de pouco publicado hoje, principalmente na língua de Camões e Machado de Assis, foi elogiado, em sua época, pelo mestre do horror cósmico.

Arthur Machen nasceu em 03 de março de 1863 em *Caerleon*, Monmouthshire, no País de Gales, uma das quatro nações que formam o Reino Unido. Machen nasceu no decorrer do longo reinado da rainha Vitória, quando o Império Britânico era incontestavelmente a maior potência militar, econômica e naval sobre a Terra; viveu até 1947, o suficiente para ver duas guerras mundiais e os Estados Unidos da América ocuparem a posição geopolítica antes reservada à sua antiga metrópole.

Arthur Machen nasceu Arthur Llewelyn Jones, até que seu pai decidiu adotar o sobrenome da esposa. O pai de Machen descendia de uma família de clérigos, e tinha uma rica biblioteca disponível em casa. Menino solitário, Machen era um admirador da paisagem campestre do País de Gales, que grande influência teria em suas obras, principalmente em *O Grande Deus Pã*. Nesse cenário, o ainda menino Machen, sob influência de seu avô (que tinha ele mesmo descoberto escrituras e esculturas romanas), se tornou um entusiasta das descobertas arqueológicas, principalmente aquelas referentes ao mundo romano e celta. Essas pesquisas amadoras teriam influência em sua obra literária, e para o tradutor e pesquisador Guilherme da Silva Braga (2016, p. 96), Arthur Machen:

na introdução à reedição de *The Great God Pan*, narra episódios reais da própria infância e recorda o contato que teve com dois objetos deveras antigos encontrados durante escavações domésticas corriqueiras no solo do País de Gales: um recipiente de vidro e uma moeda de ouro com mil e oitocentos anos.

De acordo com o folclorista Fred Hando, o interesse de Machen por literatura alquímica e ocultismo foi despertado logo cedo. O primeiro contato do menino com alquimia se deu através da revista *Household Words*, editada por Charles Dickens (ARANTES, 2002). Esse interesse inicial por literatura ocultista acompanharia Machen por toda sua vida. Inclusive levando-o a participar de uma das mais conhecidas organizações ocultistas do final do século XIX, a “Ordem Hermética da Golden Dawn”.

Com onze anos, Machen foi enviado para estudar na *Hereford Cathedral School*. Por essa época, seu pai, provavelmente por questões testamentárias, adotou o sobrenome Machen e assim passou a constar no registro do menino o novo sobrenome: Arthur Llewelyn Jones-Machen; ou Arthur Machen, como ele utilizava seu nome de forma abreviada.

Machen não viria a cursar teologia e se tornar sacerdote, como era tradição na família. Não foi uma escolha pessoal, mas sim devido à impossibilidade de seus pais pagarem pelos seus estudos em Oxford. Assim, em 1880 foi para Londres, onde tentou a medicina, mas não conseguiu ser aprovado nos exames de admissão. Por essa época começou a escrever, e seus pais o incentivaram a seguir a carreira jornalística. Isso de fato ocorreu ao longo de sua vida, e Machen relata que foi devido à leitura do poema “Eleusinia” que seus pais viram a possibilidade do filho se tornar jornalista: “meus pais decidiram, depois de lê-lo, que o jornalismo era uma carreira para mim; uma decisão que me pareceu sensata e agradável, o que hoje me causa estranhamento; ou melhor, estupefação” (MACHEN apud ARANTES, 2002, p. 160).

Os pais de Machen estavam certos, afinal seria com a escrita que seu filho ganharia a vida e teria seu principal ofício, seja como jornalista, ensaísta ou escritor. Seu primeiro trabalho escrito foi justamente o citado poema “Eleusinia”, no qual Machen retoma os antigos ritos religiosos da Grécia Antiga, os mistérios de Elêusis. Nesse poema, de 1881, já se pode identificar o interesse do futuro ficcionista por religiões antigas e ocultismo.

De acordo com Arantes (2012), Machen considerou esse o seu primeiro trabalho desapontadoramente ruim, tanto que destruiu

praticamente todas as edições. Machen não se dedicaria com afinco à poesia, tendo escrito apenas outros três poemas. A prosa e o ensaio seriam as formas literárias com que o escritor galês iria realmente alcançar a primazia.

Agora vivendo em Londres, longe do cenário bucólico do País de Gales, Machen teria uma nova vida. E essa vida na capital do Império Britânico apresentou desafios consideráveis a ele, que teve de sobreviver com aulas particulares para crianças e uma dieta à base de pão, chá verde e tabaco. Londres era a então capital do mundo e a primeira grande cidade industrial. Saneamento básico, falta de moradia, poluição e outros males que passariam a infligir grandes cidades industriais eram, pela primeira vez, enfrentados na capital britânica. Foi uma época de migração em massa de trabalhadores do campo para a cidade — um percurso feito pelo próprio Machen — entretanto, como é comum nesses casos, a cidade não estava preparada para o fluxo de pessoas que teve que receber. Centro econômico de um império mundial e da primeira nação industrial do mundo, Londres carecia de moradias adequadas, e parte considerável de sua população vivia na pobreza. Friedrich Engels (2015, p. 26), escrevendo na época, já atestava que a “escassez aguda de moradia” é um “sintoma da revolução industrial”. Mas, se a vida cotidiana pode ser difícil em uma grande cidade para quem veio do campo, essa também oferece maiores possibilidades de contato com outros escritores, editores, e uma vida cultural mais rica. Machen soube aproveitar disso, e passou a frequentar a boemia literária da cidade.

Já em 1884, Machen publicou sua segunda obra, o pastiche *The Anatomy of Tobacco*, uma brincadeira com o livro de Robert Burton *The Anatomy of Melancholy*, publicado entre 1621 e 1651 em seis volumes pelo livreiro e editor George Redway. Por ocasião desse contato, Redway convidou Machen para catalogar livros raros em um primeiro momento e, futuramente, para um trabalho em sua revista *Walford Antiquarian*. O jovem escritor deveria ler os livros e resumi-los para publicação — um emprego que certamente agradou Machen. Além dos ganhos financeiros advindos do novo emprego, o serviço que passou a executar deu a oportunidade para Machen trabalhar com história e arqueologia, áreas de conhecimento que ele muito apreciava.

Além de arqueologia e história, Machen leu muito sobre hermetismo, maçonaria, alquimia, paganismo, religiões e ocultismo de forma geral. Essas leituras seriam importantes para a escrita de seus futuros trabalhos. Machen não apenas escrevia resumos dos livros, como também escrevia artigos sobre os mais variados temas, de heráldica a curiosidades sobre cerveja. Identificando o potencial de seu empregado, Redway chegou a enviar

sugestões de ideias de livros para Machen que, por fim, não encontrou finalidade alguma em escrever livros por encomenda, recusando as investidas de seu editor.

Outra área para a qual Machen se dedicou em sua juventude foi a tradução, do francês para o Inglês. O escritor britânico traduziu *Heptameron* de Marguerite de Navarre, *Le Moyen de Parvenir* de Béroalde de Verville, e as *Memórias de Casanova*¹. Nesta época, em 1887, Machen perdeu os seus pais.

No mesmo ano da morte de seus pais, aos 24 anos, Machen se casou com Amélia (Amy) Hogg. A agora esposa de Machen era professora de música, apaixonada por teatro e conhecia os círculos literários e boêmios de Londres. Seria ela a fazer a aproximação entre Machen e A. E. Waite, um grande ocultista responsável por tentar dar um sentido histórico ao ocultismo ocidental.

Waite foi membro da Ordem Hermética da Golden Dawn, da Maçonaria, e da Societas Rosicruciana em Anglia. Polêmico, Waite se desentendeu com o mago Aleister Crowley, que fez dele um personagem na novela *Moonchild*. Personagem importante no mundo do ocultismo, Waite inspirou até mesmo Lovecraft, que inclusive faz uma referência ao ocultista inglês no conto “A Coisa na Soleira da Porta”, em que Waite é o nome de um mago: Ephraim Waite, de Innsmouth (cidade em que vivem os híbridos de humanos e um povo de criaturas aquáticas). No conto, Waite busca a imortalidade através da troca de corpos. Podemos observar a seguinte descrição sobre o personagem Ephraim Waite:

Viveu em uma semi-decadente mansão em Washington Street, Innsmouth, e aqueles que haviam visto o lugar (os habitantes de Arkham evitam ir para Innsmouth sempre que podem) declaravam que as janelas do sótão estavam sempre pregadas com tábuas, e que estranhos sons algumas vezes flutuavam para fora delas ao cair da noite. O velho era conhecido por ter sido um prodigioso estudante de magia no seu tempo, e lendas afirmavam que ele podia levantar ou debelar tempestades ao mar de acordo com seu capricho. Eu o havia visto uma ou duas vezes em minha juventude, quando ele vinha a Arkham para consultar tomos proibidos na biblioteca da universidade, e havia odiado sua face lupina, saturnina, com a barba cinza-ferro emaranhada (LOVECRAFT, 2014).

1 Algumas destas boas traduções podem ser consultadas facilmente no famoso site do Project Gutenberg - <https://www.gutenberg.org>. (N. do T.)

Voltaremos mais adiante a tratar das relações de Machen com o ocultismo, no qual Waite terá um importante papel. Agora casado, o escritor inglês vivia de uma herança familiar, que alcançaria o valor de cerca de £400 a £500 anuais entre 1890 e 1902 (ARANTES, 2002). Gozando de estabilidade financeira e casado, Machen se dedicou intensamente à literatura, produzindo na década de 1890 muitas de suas mais importantes obras. Ele já havia publicado *The Chronicle of Clemendy* em 1888; e estava iniciando, a partir de 1890, uma série de colaborações com revistas literárias, entre elas *The Whirlwind*, na qual seria publicada uma primeira versão de *O Grande Deus Pã*.

São dessa época: “The Inmost Light” (1894), “The Shining Pyramid” (1895), “The Three Impostors” (1895), “The Novel of the Black Seal” (1895), “The Novel of the White Powder” (1895), “The Red Hand” (1895), “The Hill of Dreams” (novela escrita entre 1895 e 1897, e publicada em 1907) e *Ornamentos de Jade* (pequenos contos escritos em 1897 e publicados apenas em 1924).

Ornamentos de Jade é a reunião de uma série de pequenos contos, alguns com temas bem cotidianos, outros que evocam o fantástico: “O Roseiral”, “Os Turanianos”, “O Idealista”, “Feitiçaria”, “A Cerimônia”, “Psicologia”, “Tortura”, “Solstício de Verão”, “Natureza” e “As coisas sagradas”. Destacam-se nesses pequenos contos os elementos pagãos e panteístas, na qual a natureza em si é uma personagem da história:

A Lua se avultava em seu trono, em pleno esplendor; abaixo, a uma pequena distância, parecia haver o cenário pintado de um vilarejo, e mais acima, para além da casa de fazenda, começava um extenso bosque. E, ao pensar nos retiros verdejantes que vira de relance na tarde ensolarada, ele se encheu de uma saudade do mundo das florestas à noite, de um desejo de suas trevas, de seu mistério ao luar (MACHEN, 2002, p. 140).

Ao cenário campestre de Gales se associariam outras paixões de Machen, como seu interesse por história, sobretudo romana, céltica e medieval; ou sua longa dedicação ao esoterismo (tanto como pesquisador bibliográfico, quanto praticante). Todos esses elementos se somariam, e estariam presente nas histórias de Machen.

Em 1894 já havia sido publicada a novela *O Grande Deus Pã*, pela casa editorial Bodley Head, de Londres. Em 1894, a história, expandida, seria republicada em livro, junto a outras histórias. *O Grande Deus Pã* é

uma narrativa que evoca elementos mágicos da cultura celta e apresenta a geração de um híbrido entre um deus e uma mortal, possibilitado graças a uma cirurgia “espiritual” realizada por um médico, em sua protegida ainda adolescente. Essa talvez seja uma das mais conhecidas novelas de Machen, amplamente elogiada bem como criticada na época por seu conteúdo sexual e referências pagãs. Para o escritor americano de horror Stephen King, a novela *O Grande Deus Pã* “é uma das melhores histórias de horror já escritas, talvez a melhor no idioma Inglês”².

Em uma carta disponível na coleção Edgar Allan Poe do *Ransom Center*³, Machen afirma que: “Muitas pessoas compararam meu trabalho ao de Poe... Isso foi um imenso elogio para mim — mas um tanto imerecido”⁴. Para Machen, “os terrores de Poe são tão distinguíveis quanto possível”⁵, enquanto os seus próprios terrores são “vagos, irracionais, algo como as recordações estilhaçadas de um pesadelo”⁶ (tradução nossa).

Em *O Grande Deus Pã*, Machen traz para a industrializada Londres um terror advindo do cenário rural do país de Gales. Na história, como dito anteriormente, uma jovem é submetida a uma cirurgia por um médico adepto da “medicina transcendental”, experimento este que é acompanhado por Clarke, amigo do médico. Com a cirurgia, se pretende que a jovem possa entrar em contato metafísico com o Deus Pã. O resultado da cirurgia é que a jovem Mary enlouquece após esse contato, que de fato ocorre. Anos depois, terríveis suicídios e assassinatos passam a incidir em Londres, e podem estar conectados com o experimento realizado pelo Dr. Raymond. A novela evoca a existência de um terror cósmico, e salienta os limites da mente humana em compreender esse terror, podendo ser levada à loucura se em contato com as “divindades terríveis” do passado pré-cristão. A cidade, por sua vez, é apresentada como um ambiente propício à corrupção e à luxúria e, por fim, a possibilidade de hibridização entre humanos e uma criatura não humana também é um elemento central no texto.

É interessante observarmos o quanto o tema da hibridização de seres humanos e criaturas não humanas está presentes na cultura ocidental, desde

2 Ver: WALTERS, Edgar. Arthur Machen, Welsh horror fiction author, turns 150 this week. Disponível em: <http://blog.hrc.utexas.edu/tag/arthur-machen/>. (N. do T.)

3 Ibid. ““Pan” to be “one of the best horror stories ever written, maybe the best in the English language.” (N. do T.)

4 Ibid. “A good many people have compared my work with that of Poe... This was an immense compliment to me — but quite an undeserved one”. (N. do T.)

5 Ibid. “[Poe’s] terrors are as distinct as possible”. (N. do T.)

6 Ibid. “Vague, irrational, something like the broken recollections of a nightmare” (N. do T.)

as relações sexuais com os deuses greco-romanos, passando pelos súcubos e íncubos na Idade Média, até a moderna crença em abduções extraterrestres. Esse tema também foi trabalhado por Lovecraft, sendo os habitantes da cidade de Insmouth o resultado entre a hibridização de humanos com criaturas aquáticas que cultuam Dagon.

Machen e Lovecraft partiam de experiências diversas; o primeiro era um espiritualista e esoterista que, portanto, acreditava na existência de um mundo sobrenatural, e o segundo um ateu e materialista convicto:

Temperamentalmente, Machen não era nada parecido com Lovecraft: um inabalável anglo-católico, violentamente hostil à ciência e ao materialismo, buscando sempre algum sentido místico de “êxtase” que pudesse libertá-lo do que ele imaginava ser a banalidade da vida contemporânea. Machen teria considerado o materialismo mecanicista e ateísmo de Lovecraft repugnantes ao extremo (Joshi 1996: 298 *apud* GIL, p. 31, tradução nossa)⁷.

Tanto que, apesar de ambo se utilizarem da referência a deuses cósmicos do passado, suas abordagens são distintas: “estas entidades, apesar de largamente superiores aos seres humanos, podem para o autor americano, contrariamente ao galês, ser explicadas racionalmente através da Ciência” (GIL, p. 31). Em Machen, o sobrenatural ainda persiste — Pã é um deus ancestral, não um alienígena cultuado como deus por seres humanos devido ao seu extremo poder, como Cthulhu.

Em uma carta de 1923, H. P. Lovecraft declara sobre Arthur Machen: “é o único homem vivo que conheço que pode despertar um horror verdadeiramente profundo e espiritual”⁸. De acordo com Guilherme da Silva Braga (2016, p. 11, 12):

Não chega assim a provocar surpresa que Machen tenha exercido uma profunda influência sobre Lovecraft: “*The Colour Out of Space*” tem pontos em comum

7 Ibid. “Temperamentally Machen was not at all similar to Lovecraft: an unwavering Anglo-Catholic, violently hostile to science and materialism seeking always for some mystical sense of «ecstasy» that might liberate him from what he fancied to be the prosiness of contemporary life. Machen would have found Lovecraft’s mechanistic materialism and atheism repugnant in the extreme” (N. do T.)

8 No original: “The only living man I know of who can stir truly profound and spiritual horror” — Citado por Guilherme da Silva Braga (2016, p. 11) (N. do T.)

com *The Terror* e com “*The Novel of the White Powder*” (parte do romance episódico *The Three Impostors*); “*The Whisperer in Darkness*” apresenta semelhanças evidentes com “*The Novel of The Black Seal*” (também parte de *The Three Impostors*); e “*The Dunwich Horror*” é considerado de maneira quase unânime pela crítica uma releitura e uma recriação feita por Lovecraft da mais famosa obra de Machen: a novela *The Great God Pan*.

A novela *O Grande Deus Pã* apresenta uma curiosidade bastante interessante quando comparada aos escritos de Lovecraft, já que é através de um procedimento médico (portanto científico) que o Deus Pã é evocado para o nosso mundo. É curioso que, na obra de Lovecraft, um materialista, são feitiços contidos em antigos livros mágicos, como o *Necronomicon*, que muitas vezes são utilizados para evocar criaturas não mágicas (alienígenas); enquanto em *O Grande Deus Pã*, de Machen, (um espiritualista) é a ciência a responsável por permitir o acesso ao deus ancestral.

Em várias passagens da novela *O Grande Deus Pã*, fica patente que os seres humanos não estão de forma alguma preparados para entender, ou mesmo conhecer, as forças desconhecidas do mundo oculto. A loucura espreita aqueles que ousam até mesmo lerem relatos ou observarem desenhos desse mundo escondido. O horror cósmico presente na obra de Machen é semelhante àquele encontrado nas obras de Lovecraft.

Machen tornou-se colega do escritor Oscar Wilde, autor de *O Retrato de Dorian Gray* (1890), tendo se encontrado com ele quatro vezes entre 1890 e 1895 (ARANTES, 2002). Entretanto, nesse mesmo ano, Oscar Wilde foi condenado a dois anos de prisão por “cometer atos imorais com diversos rapazes”⁹. No livro *Degeneration* (1892) Max Nordau já havia acusado o que ele chamava de “arte decadente” de gerar o que ele entendia como “comportamentos degenerados”¹⁰¹¹. Assim, a fim de evitar problemas, Machen ficaria até 1890 sem publicar nada, apenas escrevendo. Nessa época, ele contava com uma herança deixada por seus pais, que era suficiente para lhe garantir uma vida digna¹².

9 Ver: Oscar Wilde. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Oscar_Wilde. Acesso em: 07/03/2017. (N. do T.)

10 Ver: Max Nordou. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Max_Nordau. Acesso em: 07/03/2017. (N. do T.)

11 Ver: Degeneration. [https://en.wikipedia.org/wiki/Degeneration_\(Nordau\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Degeneration_(Nordau)). Acesso em: 07/03/2017. (N. do T.)

12 Ver: The Life of Arthur Machen. Disponível em: <http://www.arthurmachen.org.uk/machbiog.html>. Último acesso em: 15/12/2016. (N. do T.)

A partir de 1898, Machen retorna ao jornalismo, agora na revista *Literature* que, de acordo com biografias consultadas, é uma publicação que deu origem ao *Times Literary Supplement*. Por essa época, a herança de Machen estava diminuindo a olhos vistos, e ele teve de intensificar seus trabalhos. Assim, o emprego veio em um momento favorável.

A falta de recursos financeiros estaria presente em praticamente toda a vida de Machen, um triste destino que era compartilhado por um de seus maiores admiradores, H. P. Lovecraft, que também se viu ao longo de sua vida privado de conforto financeiro. Ambos haviam tido uma infância abastada, seguida da morte de familiares (o avô no caso de Lovecraft e os pais no caso de Machen), o que resultaria em dificuldades financeiras que durariam a sua vida toda.

Quando lemos as biografias de ambos, Lovecraft e Machen, a penúria material é uma constante, ainda que seja mais aflitiva na vida do autor americano. Além da questão financeira, Machen teve de lidar com a morte da esposa, que gradativamente foi perdendo a batalha para um câncer. A morte de Amy foi um golpe duro para Machen, que se viu em profunda crise existencial. Sob a frustração e sofrimento causados pela morte da esposa, e em decorrência da amizade com A. E. Waite, que acaba por lhe influenciar, Machen se une à Ordem Hermética da Golden Dawn, com o nome estranho de Irmão Avallaunius.

O século XIX foi o século em que diferentes tradições intelectuais ocidentais e orientais não apenas surgiram, mas se miscigenaram em um, por vezes, estranho sincretismo. Esse foi o século do socialismo utópico, mas também do socialismo científico de Karl Marx e Friedrich Engels, bem como do período de consolidação do sistema capitalista sobre os escombros do feudalismo. Foi o século do darwinismo, que gerou uma revolução na explicação da existência humana através da biologia, mas também foi o século do espiritismo e do mesmerismo — tudo acompanhado por um renascimento de interesse nas assim chamadas ciências ocultas. Madame Bravasky e o coronel Olcott fundam a Teosofia (buscando um sincretismo entre esoterismo oriental e ocidental). Alan Kardec, pseudônimo do pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, propaga o espiritismo, que se torna uma verdadeira febre. O escritor britânico Arthur Conan Doyle é um de seus maiores adeptos, e no romance policial *O Cão dos Baskervilles* — uma das aventuras de Sherlock Holmes — temos uma leve inclusão do espiritismo ao final da história.

Do outro lado do canal da mancha, Júlio Verne publicava seus romances científicos — agora o homem poderia ir à lua ou navegar sob o

mar por meios tecnológicos. Ao mesmo tempo, seu conterrâneo Camille Flammarion, em uma síntese fértil entre ciência e espiritismo, imaginava mundos habitados em todo o Sistema Solar. Já H. G. Wells, britânico como Machen, imagina uma “Guerra dos Mundos”, um homem invisível, um metal que anula a gravidade e pré-visualiza a criação do tanque de guerra e da bomba atômica. Nesse cenário, diversas ordens esotéricas surgiram, agregando desde anônimos até ilustres membros da elite europeia, inclusive diversos intelectuais, escritores e poetas. Machen estava entre eles.

MaGregor Mathers (1854-1918), um conhecido ocultista e alegado especialista em questões militares, se juntou ao Dr. Willian Wynn Wrstcott (1848-1952), um coronel, para juntos fundarem a Ordem Hermética da Golden Dawn (Aurora Dourada), em 1888, à qual Arthur Machen se filiou nos anos 1890. Mathers era um apaixonado por “coisas célticas” (MCINTOSH, 2001, p. 199), um interesse compartilhado por Machen. Na Ordem se praticava a Magia Cerimonial (GOODRICK-CLARKE, 2004); seus rituais, quase todos escritos por Mathers, eram divididos em graus e evocavam a faculdade da imaginação (MCINTOSH, 2001). Talvez por isso, se deu o fato de que escritores eram os frequentadores mais assíduos dessas organizações. Entre os mais polêmicos membros da Golden Dawn está o mago britânico Aleister Crowley (1875-1947) que, ao contrário de Machen, tinha como referência a magia egípcia, e não céltica. Crowley teria recebido no Egito a revelação da *Lei de Telema* (DOUCET, 2001). Nos ensinamentos da ordem eram inclusos a alquimia, cabala, tarô, astrologia e claro, druidismo (o sistema mágico dos antigos celtas). Os interesses ocultistas de Machen estavam ali presentes, e ele deve ter se sentido em casa ao ter contato com outros membros da Golden Dawn. A ordem conseguiu arregimentar importantes personagens da época:

O poeta William Butler Yeats, a atriz Florence Farr, a produtora teatral Annie Horniman, o pioneiro do cinema Charles Rosher, a revolucionária irlandesa Maud Gonne, ocultistas famosos como Israel Regardie e A. E. Waite, bem como os escritores Arthur Machen, Arnold Bennett e Algernon Blackwood, eram iniciados. Aleister Crowley e Dion Fortune juntaram-se a eles pouco depois (KNOWLES, 2008, p. 73).

De acordo com o escritor de ficção científica e ocultista Colin Wilson, no ensaio “O Oculto”, os poetas, que podemos estender para escritores e geral,

são “dotados de um nível mais elevado de forças “ocultas” do que a maioria dos seres humanos”, e assim o poeta é “uma pessoa em quem a Faculdade X é naturalmente mais desenvolvida do que a maioria” (1991, p. 63). Não vou entrar aqui nas discussões técnicas e terminológicas do ocultismo proposto por Colin Wilson, apenas pretendo deixar explícito que escritores, segundo ele, são místicos em potencial por terem a faculdade da imaginação bem desenvolvida, algo importante para quem participa de rituais mágicos como os propostos pela Golden Dawn.

Qualquer pessoa que estude ou já tenha frequentado organizações ocultistas ou esotéricas semelhantes à Golden Dawn ou que pratique rituais mágicos, sabe que existe um forte elemento de teatralidade nesse tipo de ritual. Inclusive, é comum que o participante do ritual tenha um nome mágico como parte do papel que ele cumprirá (o próprio Machen adotou o nome de Irmão Avallaunius), bem como uma série de gestos e falas que deverá cumprir no decorrer de suas atividades mágicas — semelhante aos gestos e falas de um padre no ritual da missa, que em si é um ritual mágico que deve ser cumprido à risca, com todo o seu cerimonial e aparatos. Não chega então a ser de todo estranho o fato de que após participar da Ordem Hermética da Golden Dawn, Machen tenha se sentido seguro a tentar uma nova carreira: a de ator teatral.

Como ator, Machen participou da companhia teatral de Sir Francis Robert Benson (1858 - 1939), a *Shakespeare Repertory Company*, dedicada exclusivamente a representar obras de William Shakespeare. Como membro de uma companhia teatral, Machen viajou por toda a Inglaterra e País de Gales. Sua carreira como ator durou nove anos, de 1901 a 1909, e apesar de manter-se restrito a personagens figurantes ou secundários, a vida em uma companhia teatral não foi um fardo para o escritor, ao contrário, lhe rendeu bons momentos. A carreira de ator, entretanto, não comprometeu a de escritor, e em 1902 ele publicou *Hieroglyphics* (escrito em 1899), um ensaio sobre literatura. Em 1903, Machen reencontra o amor e a felicidade se casando pela segunda vez, com Dorothe Purefoy Hudleston. Em 1904 Machen publica “The White People”, que havia sido escrito em 1899.

Lovecraft considerava “The White People” de Machen e “The Willows” de Blackwood, juntos, como “o[s] maior[es] conto[s] fantástico[s] de todos os tempos” (JOSHI, 2014, p. 199). O conto é o relato de como processos mágicos antigos, rimas cantadas e símbolos desenhados no chão dão acesso a uma realidade desconhecida: “o vale”, com os seres mágicos que lá habitam — “o povo branco” (MACHEN, 2015).

No conto, Machen cria uma psicogeografia — uma geografia mágica, como aquela também criada pelo famoso escritor H.P. Lovecraft: R'Lyeh, Innsmouth, Dunwich, Universidade do Miskatonic, a cidade de Arkham, entre tantas outras coisas mais...

Machen continuava a publicar seus livros. *The House of Souls*, por exemplo, é de 1906; o romance autobiográfico *The Hill of Dreams* de 1907. Machen também se dedicava a escrever ensaios, e publicou suas investigações sobre o Rei Arthur, o cálice Sagrado e o cristianismo celta na revista *The Academy and Literature*, cuja edição entre 1907 e 1910 estava na época a cargo de Lorde Alfred Douglas. Machen havia o conhecido nas reuniões do clube *New Bohemians*, um clube dedicado aos debates de arte e literatura que Machen começara a frequentar em 1906. *The Secret Glory*, terminado em 1908 e publicado em 1922, é uma defesa das posições religiosas de Machen, um tipo de cristianismo celta; na história, um jovem encontra nessa forma religiosa uma opção frente ao materialismo mecanicista.

Entre 1908 e 1909, Machen trabalhou no tabloide *Daily Mail*, de Lorde Northcliffe. Após essa breve experiência, se tornou jornalista profissional a partir de 1910, agora com um trabalho fixo no jornal londrino *Evening News*. Machen escreveu principalmente sobre artes e religião, dois temas nos quais ele normalmente já tinha grande interesse. Mas, como escritor, Machen também escreveu sobre outros temas, como, por exemplo, a morte do Capitão Scolt que, em 1913, faleceu após alcançar o Polo Sul. Esse é um texto que Lovecraft — que era apaixonado pelos mistérios envolvendo o continente antártico (ele mesmo deu sua grande e maravilhosa contribuição aos mistérios deste continente ao escrever *Nas Montanhas da Loucura*) — certamente teria apreciado.

Apesar de ter escrito diversos textos não ficcionais para o *Evening News*, foi um texto ficcional, escrito no início da I Guerra Mundial, que traria para Machen proeminência pública de uma forma bastante inesperada, ao sem querer criar uma lenda que se tornaria parte do folclore britânico. Em setembro de 1914, Machen publica o conto “Os Arqueiros” no *The Evening News*; o conto é o relato da batalha de Mons, ocorrida entre 22 e 23 de agosto de 1914, em que uma numericamente inferior Força Expedicionária Britânica consegue rechaçar uma investida alemã. Na história, um jovem soldado inglês clama pela ajuda dos Céus, particularmente de São Jorge (padrinho do exército inglês), e é atendido, pois esse aparece no decorrer da batalha com seus arqueiros, fazendo os alemães tombarem aos milhares. De acordo com o pesquisador Bráulio Tavares (2005, p. 263, 264), “Machen publicou a

história e não lhe deu maior importância. Acontece que a Inglaterra estava em guerra e nunca se deve subestimar o poder da imaginação de pessoas submetidas a um estresse profundo”. Assim, a publicação do conto teve grande repercussão; infelizmente, não tanto pelo seu conteúdo literário, mas, sobretudo, por seu impacto social. A Inglaterra vivia um período de extremo estresse devido à guerra, e o relato de anjos lutando ao lado dos soldados ingleses logo se tornou independente, foi copiado (e alterado), reescrito e recontado de forma oral tantas vezes que veio a dar origem à lenda dos “Anjos de Mons” — passando assim, no folclore popular, a constar como um caso verídico. Ainda de acordo com Braulio Tavares (2005, p. 264):

O próprio Machen relata que a essa altura circulavam numerosas variantes da história. Em algumas era mencionado o restaurante vegetariano e a imagem de São Jorge que figuram no conto original. Em um caso específico, o suposto oficial inglês que narra os fatos assegurava que um vulto igual a essa imagem tinha surgido ao seu lado, quando ele invocou o nome do santo. Em uma versão (que Machen acredita não ter sido publicada, mas transmitida oralmente) ferimentos de flecha tinham sido encontrados nos corpos alemães.

No caso específico dos ferimentos de flechas, a imaginação e credence popular superaram as expectativas do próprio Machen. Inicialmente, o autor pretendia que flechas inglesas fossem encontradas no corpo dos soldados alemães após a intervenção de São Jorge e seus anjos. Mas o autor rejeitou “essa ideia” porque lhe “pareceu exagerada, mesmo para uma história fantástica” (MACHEN apud Tavares, 2005, p. 246). Machen nota que muitas vezes as pessoas estão propensas em acreditar em coisas que o próprio escritor de ficção fantástica acha exagerado “achei divertido perceber que o que eu tinha considerado fantasioso demais para uma história inventada era aceito como verdade concreta por grupo de pessoas místicas” (MACHEN apud Tavares, 2005, p. 246). O comentário de Machen sobre a credence de pessoas místicas não deixa de comportar certa ambiguidade, vinda de um autor que, ao contrário de Lovecraft, era um místico. Tanto, que em outro conto, “O Vale dos seres brancos”, Machen faz uma crítica ao materialismo da sociedade moderna: “nossos sentidos mais elevados estão tão embotados, nós estamos tão encharcados de materialismo, que provavelmente fracassaríamos no reconhecimento da verdadeira maldade se a encontrássemos” (MACHEN, 2015, p. 152).

Enquanto praticava o jornalismo, Machen publicou também *The Great Return* (1915) e *O Terror* (1917). A novela *O Terror* é também uma história de guerra, ou melhor dizendo, dos efeitos psicológicos e paranoias geradas pela guerra nos pacatos habitantes de um distrito rural do País de Gales, em pleno desenrolar da I Guerra Mundial, que se veem diante de um terror inexplicável. Na novela, um jornalista investiga misteriosos suicídios/ assassinatos que ocorrem em uma região afastada de Gales. Aqui, Machen introduz a figura do narrador repórter, um interessante recurso que possibilita uma mistura entre ensaio e ficção. Assim como o terror real — o medo da guerra — há o envolvimento do terror fantástico que inexplicavelmente assola a região. Pouco se sabe sobre os ocorridos e os moradores começam a desenvolver suas próprias teorias; logo, o terror é associado à possível incursão de alemães. Telepatia e hipnose são aventadas como explicações para os misteriosos assassinatos, assim como um enigmático raio da morte. Machen inclusive faz uma brincadeira interna com sua própria obra, quando o Dr. Lewis, em um momento de reflexão sobre os alemães estarem escondidos em bases no subsolo da Inglaterra, afirma que “ali estava uma concepção que tornava o mito dos ‘russos’ uma fábula insignificante, diante da qual a ‘lenda de Mons’ era algo ineficaz” (MACHEN, 2002, p. 49). Nessa mesma página, Machen faz uma crítica à Teosofia, que disputava com a Golden Dawn corações e mentes dos esoteristas ingleses; em um comentário do texto, Lewis afirma que “este é o tipo de homem que acredita na Madame Blavatsky” (MACHEN, 2002, p. 49), dito de forma depreciativa.

A carreira de jornalista de Machen durou onze anos, sendo que, em 1919, foi demitido do *Evening News*. Sua demissão foi causada pela publicação de um falso obituário sobre Lorde Alfred Douglas, seu ex-editor na revista *The Academy and Literature*, que não apreciou tanto assim a brincadeira, o que levou Machen a ser demitido. Perder o emprego lhe trouxe com certeza dificuldades financeiras, mas também, de acordo com seus biógrafos, alegria, pois ele não era particularmente afeito à profissão jornalística. Apesar da perda, principalmente financeira, ocorrida com o fim de sua carreira como jornalista, Machen vê sua carreira literária ter um novo despertar. O escritor galês começa a ter sua obra publicada nos Estados Unidos, onde um novo público tem interesse em seus contos fantásticos. Nesse período, parte considerável da obra de Machen foi republicada nos dois lados do atlântico. Nos EUA, Alfred A. Knopf (em Nova Iorque) e na Inglaterra Martin Secker (em Londres), republicaram sua obra, principalmente aquelas escritas a partir da década de 1890. O público, entretanto, era diferente.

Nos Estados Unidos, Machen foi descoberto por acadêmicos e visto como um escritor de vanguarda; entre seus admiradores recém-conquistados estava o escritor H. P. Lovecraft. Já na Inglaterra, a recepção maior de Machen foi principalmente em círculos tradicionalistas e esotéricos, que admiravam a obra de Machen não apenas por sua evidente qualidade literária, mas principalmente pelas causas religiosas que defendia ou que estavam implícitas em sua obra. Se Lovecraft e acadêmicos americanos liam Machen como um escritor de fantasia e admiravam suas qualidades literárias, seus leitores ingleses apreciavam os elementos pagãos que elas traziam, bem como seu renovado cristianismo celta.

No confronto entre materialismo cientificista e espiritualismo esotérico que ocorria na Inglaterra entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, Machen estava definitivamente ao lado dos últimos. Afinal, o caso dos “Anjos de Mons” havia transformado Machen em uma figura conhecida entre crentes, tanto religiosos tradicionais, como esotéricos; muitos ainda viam a obra de Machen “Os Arqueiros” como o relato de um acontecimento verídico.

Machen também publicou os três volumes de sua autobiografia: *Far Off Things* (1922), *Things Near and Far* (1923) e *The London Adventure* (1924). Esse foi um período em que Machen se dedicou a escrever principalmente ensaios, tendo publicado os seguintes livros: *Dog and Duck* (1924), *The Glorious Mystery* (1924), *The Canning Wonder* (1925), *Dreads and Drolls* (1926), *Notes and Queries* (1926) e *Tom O’Bedlam and His Song* (1930). Outro livro de ensaios de Machen, *Bridles and Spurs*, seria publicado post-mortem em 1951. Infelizmente, a procura por suas obras literárias foi diminuindo e, em 1926, o escritor já sentia o resultado disso, passando por dificuldades financeiras. “Por volta de 1925, a euforia amainou, primeiro na Grã-Bretanha, depois nos Estados Unidos: Knoop o publicou até 1928; Secker, até 1926. Depois os livros foram para os sebos” (ARANTES, 2002, p. 185). De qualquer forma, a fim de garantir uma renda capaz de sustentar a si e sua família, Machen escreveu ensaios e artigos para vários jornais e revistas, bem como contribuiu com diversos prefácios e introduções tanto para reedições de suas obras, como para outros escritores, que podiam se beneficiar com um texto de apresentação escrito por Machen.

Como a atividade puramente literária não era de todo suficiente, Machen aceitou trabalhar como leitor de manuscritos originais de outros autores para o editor Ernest Benn, que comandava a casa de edição *Ernest Benn, Ltd.* Benn, além de editor, era um liberal, tendo escrito *The Confessions*

of a Capitalist, publicado em 1924, além de diversos outros textos para divulgar suas ideias. Machen trabalharia para ele entre 1927 e 1933, tendo assim uma fonte de renda fixa, que lhe possibilitou viver com certo conforto. Machen tinha sessenta e cinco anos de idade em 1929, e novamente se viu às voltas com dificuldades financeiras. Apesar do emprego com Ernest Benn, nesta época contou com a ajuda de Robert Hillyer, um admirador norte-americano, que lhe enviou dinheiro entre 1928 e 1930.

Em reconhecimento por suas contribuições literárias, Machen começou a receber 100 libras anuais de pensão da monarquia britânica, via *Civil List*, a partir de 1932. A pensão anual foi um alívio momentâneo, pois a perda do novo emprego deixou novamente Machen em séria situação financeira — em 1933 foi encerrada sua colaboração com a *Ernest Benn, Ltd.* Nesse período, Machen publicaria a novela *The Green Round* (1933) e a coletânea *The Children of the Pool and Other Stories* (1936).

Em 1943, é lançada uma campanha de ajuda a Machen, da qual “participaram Max Beerbohm, George Bernard Shaw e Thomas Stearns, entre outros” (ARANTES, 2002, p. 185). Os recursos advindos da campanha permitiram que o escritor vivesse com relativo conforto até 1947, ano de seu falecimento. Machen faleceu em 15 de dezembro de 1947 aos 84 anos. Sua vida, como talvez a de grande parte dos seres humanos, foi marcada por sucessos e perdas, momentos felizes e outros de profunda tristeza. Foi um homem comum, tentando, em grande parte de seu tempo, ganhar a vida com seus escritos.

Machen viu todo o esplendor e glória do Império Britânico em seu auge no final do século XIX, mas também acompanhou sua perda de poder frente a novas potências e duas guerras mundiais. Em uma época marcada por profundas modificações sociais, econômicas e políticas, o escritor galês deu sua própria contribuição aos fatos que ocorriam. Suas histórias refletem um desejo pelo mistério e uma religiosidade primitiva em um mundo cada vez mais dominado pela ciência e pela técnica. Em meio à violência da I Guerra Mundial e a carnificina das trincheiras, a lenda dos “Anjos de Mons”, mesmo que originada apocrifamente de seus escritos, deve ter trazido esperança a milhares de soldados que sonhavam com uma intervenção divina que lhes possibilitasse escapar daquele inferno de aço, pólvora e fogo e retornar a seus entes queridos.

Machen escreveu nos dias mais felizes de sua vida ao lado de sua esposa Amy, mas também, quando de sua morte, escreveu sob profunda depressão. O fez quando gozava de tranquilidade financeira, mas também sob a mais extrema pobreza. Assim, esse texto sobre esse grande escritor se

encerra com uma frase de outro grande escritor, também influenciado por Machen em seus escritos:

*“A vida às vezes é dura.
As coisas dão errado, na vida e no amor
e nos negócios e nas amizades e
na saúde e em todos os outros aspectos
que podem dar errado.
Quando as coisas ficarem complicadas,
é assim que você deve agir:
FAÇA BOA ARTE...
Faça também nos dias bons”.*
Neil Gaiman

Arthur Machen... FEZ BOA ARTE!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, José Antonio. A Demanda do Mistério. In: Artur Machen. O Terror. Trad. José Antonio Arantes. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BRAGA, Guilherme da Silva. Arthur Machen e o grande deus Pã: uma proposta funcionalista de tradução retrospectiva. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul — Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016. (Tese de Doutorado)

ENGELS, Friedrich. Sobre a questão da moradia. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2015.

GAIMAN, Neil. Faça boa arte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. SOL NEGRO: Cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. Trad. Fábio Rezende. São Paulo: Madras, 2004.

GIL, José Carlos Guerreiro. H. P. Lovecraft — Um Ícone da Cultura Ocidental Contemporânea. Portugal: Universidade de Évora — Mestrado em Criações Literárias Contemporâneas, [S. D].

JOSHI, S. T. A Vida de H. P. Lovecraft. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2014.

KNOWLES, Chistopher. Nossos Deuses são Super-Heróis. Trad. Marcello Borges. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

LOVECRAFT, H. P. O Horror sobrenatural em literatura. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

LOVECRAFT, H. P. A Coisa na Soleira da Porta. Trad. Luciano Santiago. Recife, PE: Lanobooks, 2014. (Edição Eletrônica)

MACHEN, Arthur. O Terror. Trad. José Antonio Arantes. São Paulo: Iluminuras, 2002.

MACHEN, Arthur. O Vale dos Seres Brancos. In: Sombras de Carcosa — Contos de Terror Cósmico. São Paulo: Poetisa, 2015.

MACHEN, Arthur. O Grande Deus Pã. Trad. Guilherme Mello Sant'Anna. Editora Amazon Kindle Publishing, 2015. (Edição Eletrônica)

MCINTOSH, Chistopher. A Rosa e a Cruz: História, mitologia e rituais das ordens esotéricas. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2001.

TAVARES, Bráulio. Contos Borgianos. In: Contos Fantásticos no labirinto de Borges. Bráulio Tavares (org.). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

Sites consultados:

Arthur Machen. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Arthur_Machen. Último acesso em: 14/12/2016.

Terrores Profanos — Os contos de Horror do Mestre Arthur Machen. Disponível em: <http://mundotentacular.blogspot.com.br/2016/11/terrores-profanos-os-contos-de-horror.html>. Último acesso em: 15/12/2016.

The Life of Arthur Machen. Disponível em: <http://www.arthurmachen.org.uk/machbiog.html>. Último acesso em: 15/12/2016.

J76a Jones, Arthur Llewelyn, 1863-1947.

Arthur Machen: o mestre do oculto. / Arthur Llewelyn Jones. – 1 ed. / Denílson E. Ricci , organizador / Prefácio de S.T. Joshi / Tradução: José Geraldo Campos Trindade / Capa e diagramação Fábio Alexandre da Silva - Jundiaí-SP: Editora Clock Tower, 2017.

296 p. ; 15,8cm x 23 cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-66519-06-8

1. Ficção fantástica. 2. Horror. 3. Literatura Inglesa. I. Ricci, Denílson E,org. II. Joshi, S.T., pref. III. Trindade, José Geraldo Campos, trad. IV Silva, Fábio Alexandre da, diagr. V. Título.

CDD:

808.83873880883820